

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

**“Diplomacia das Canhoneiras”: RIMPAC 2022,
o Sudeste Asiático e a busca por poder no
Indo-Pacífico**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 167 • 03 de agosto de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [RIMPAC 2022](#)

Por: Marinha dos Estados Unidos

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Crimes transnacionais na América do Sul: consequências regionais	5	Nova estratégia sul-coreana para o Indo-Pacífico	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
A instabilidade política no Haiti e a perpetuação da crise humanitária	6	Índia, Butão e China: um novo campo de instabilidade hídrica no sul da Ásia	13
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
República Democrática do Congo e Ruanda: disputa fronteiriça nos Grandes Lagos Africanos	7	“Diplomacia das Canhoneiras”: RIMPAC 2022, o Sudeste Asiático e a busca por poder no Indo-Pacífico.....	14
Tensões represadas: a hidropolítica do Nilo e a fronteira Sudão-Etiópia.....	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		Novo projeto de conectividade submarina entre Islândia e Japão por meio do Ártico	
Portugal rumo à Marinha do Futuro?.....	9	TEMAS ESPECIAIS	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		A inovação nos sistemas de propulsão elétrica em embarcações	
Disputa energética entre Turquia e Chipre pode alterar o rumo do conflito na Ucrânia.....	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
RÚSSIA & Ex-URSS		Calendário Geocorrente.....	
O papel dos oleodutos na recente tensão russo-cazaque	11	Referências.....	
O Dia da Marinha e o desenvolvimento das capacidades submarinas da Rússia.....	12	Mapa de Riscos.....	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

Crimes transnacionais na América do Sul: consequências regionais

Pedro Kilson

Uma análise dos fluxos migratórios no subcontinente sul-americano destaca as debilidades de ordem econômica, social e política que incidem negativamente sobre a estabilidade regional, bem como sobre os desenhos de políticas de segurança. Desde a última década, o êxodo venezuelano é central nas dinâmicas migratórias da América do Sul, não somente por seu caráter massivo, mas por revelar problemáticas regionais em torno da porosidade das fronteiras e da atuação do crime organizado.

A crise sanitária gerada pela COVID-19 aprofundou tal conjuntura, viabilizando o crescimento no número de refugiados, assim como a precariedade das condições de deslocamento interfronteiriço, principalmente na região do deserto do Atacama. Esse cenário tornou-se propício para a atuação do chamado *Tren de Aragua*, uma organização criminosa, de origem venezuelana, vinculada ao narcotráfico, contrabando de armas e tráfico de pessoas. Nesse sentido, qual o impacto da operação do crime organizado no quadro de segurança nos âmbitos doméstico e regional e quais elementos de fragilidade em governança são revelados?

Com o objetivo de garantir suas atividades em um amplo território ao longo da costa do Pacífico, o grupo pôde se estabelecer no território chileno, facilitado pela porosidade da região fronteiriça no deserto do Atacama e pelo aumento exponencial da imigração irregular a partir

do norte. Há pelo menos quatro anos, a organização se utiliza da vulnerabilidade de refugiados para garantir a dinamicidade do tráfico (especialmente de cocaína e metanfetamina), por meio de ameaças e extorsões. A presença da organização no Chile impacta diretamente nos índices de segurança pública e estabilidade política regional. De acordo com dados oficiais do governo chileno para o ano de 2021, a taxa de homicídios na região de Tarapacá, uma das principais afetadas, aumentou 183%, enquanto a média nacional caiu 25%. Ainda em âmbito doméstico, o aumento da percepção de violência representa uma variável de desestabilização política no país, juntamente com um crescimento de discursos xenofóbicos na opinião pública.

O desenvolvimento do crime organizado na América do Sul é resultado da ausência de uma administração conjunta em torno das problemáticas comuns. Embora algumas medidas para conter o avanço do *Tren de Aragua* tenham sido exitosas, em razão da cooperação pontual entre as autoridades chilenas e peruanas, não existe qualquer articulação formal entre Bolívia, Chile e Venezuela. Trata-se de uma debilidade de governança regional que impede pensar soluções conjuntas para as crises multifatoriais que assolam a região, promovendo a intensificação de instabilidades políticas em esfera doméstica.



A instabilidade política no Haiti e a perpetuação da crise humanitária

Taynah Pires Ferreira

Em 07 de julho de 2021, o Presidente do Haiti, Jovenel Moïse, foi assassinado (Boletim 143). Desde então, o país enfrenta o agravamento da crise estrutural, vigente há mais de uma década. O magnicídio, somado às vulnerabilidades expostas pela pandemia da COVID-19, resultou na escalada da violência, proveniente da insurgência de grupos criminosos, afetando a população local. Por conseguinte, observa-se a intensificação da crise humanitária, refletida no crescimento dos fluxos emigratórios. Nesse contexto, de que forma a fragilidade política intensifica a crise estrutural do Estado caribenho e quais são os prognósticos?

Primeiramente, é preciso compreender a instabilidade presente no cenário político do país. Após o assassinato de Jovenel Moïse, o então Primeiro-Ministro Ariel Henry assumiu a liderança do Estado, sob a condição de convocar novas eleições até fevereiro de 2022. No entanto, o governante se recusou a deixar o cargo, alegando não haver condições para o requerimento de um novo pleito. Dentre os motivos apresentados por Henry, destaca-se a escalada da violência no país, um reflexo da inconsistência administrativa e dos transtornos causados pela COVID-19. Soma-se a isso, o fato de o Haiti não possuir Legislativo operante desde janeiro de 2020 (Boletim 110). O país está envolto em um conflito armado entre gangues, resultando no incremento da

criminalidade, sobretudo, no número de sequestros, que possuem como alvos estrangeiros e representantes das Nações Unidas.

Os altos índices de violência, associados ao aumento da inflação têm provocado o agravamento da crise humanitária no país. Atualmente, os haitianos enfrentam escassez alimentar, efeito da elevação dos custos decorrentes do conflito na Ucrânia (Boletim 164). Sem opção, muitos deslocam-se forçadamente, tanto internamente, quanto para outros países caribenhos ou aos Estados Unidos, intensificando os fluxos migratórios na região. Estima-se que o número de deslocados internos já ultrapasse 17 mil pessoas. Já a Guarda Costeira estadunidense calcula que, entre outubro de 2021 e junho de 2022, mais de seis mil haitianos foram interceptados tentando chegar ao país por via marítima.

Por fim, as projeções para o futuro da nação são complexas. De acordo com o documento publicado, em 2022, pelo Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, espera-se a manutenção da instabilidade política no Haiti, vista a indefinição em relação à convocação de novas eleições. Além disso, o crescente índice de violência, resultado da disputa entre gangues, tenderia a acentuar a crise humanitária no país, provocando a intensificação dos fluxos migratórios na região.



República Democrática do Congo e Ruanda: disputa fronteiriça nos Grandes Lagos Africanos

Carolina Vasconcelos

Após o anúncio por parte da República Democrática do Congo (RDC) de romper tratados com Ruanda, em junho de 2022, uma nova onda de instabilidade se instaurou no segundo maior país do continente africano. A RDC acusa Ruanda de ir ao encontro de grupos rebeldes nas proximidades fronteiriças do território congolês, fomentando a violência e a disputa na região geoestratégica dos Grandes Lagos Africanos. Nesse sentido, a suspensão de acordos diplomáticos levou a uma reunião trilateral em Luanda, em junho de 2022, entre os Estados conflitantes e Angola, mediadora representada pelo seu Presidente, João Lourenço. Nela, estabeleceu-se um mecanismo *ad hoc* para observação da interrupção das hostilidades, gerido por um oficial-general das Forças Armadas angolanas. Dessa maneira, como as tensões históricas e disputas por recursos naturais afetam o restabelecimento de paz na região?

A conjuntura conflituosa entre RDC e Ruanda data da década de 1990. Todavia, a escalada de tensões atuais deve-se pelo ressurgimento do grupo rebelde Movimento 23 de Março (M23). Com isso, os insurgentes tomaram a cidade de Bunagana, estratégica localizada ao leste do território congolês. O resultado foi o deslocamento forçado de milhares de pessoas na província do Kivu Norte. Assim, tanto a RDC acusa Ruanda de apoiar o

M23, quanto Ruanda também acusa a RDC de apoiar o grupo paramilitar Forças Democráticas pela Libertação de Ruanda, presente no genocídio ocorrido no país em 1994. Contudo, ambos negam apoio aos grupos extremistas.

Ainda, cabe ressaltar que o conflito em questão tem forte vertente econômica: a região abrange os Grandes Lagos Africanos, onde há diversos recursos naturais e minerais como o gás metano, presente na fronteira entre RDC e Ruanda no Lago Kivu; dessa forma, mesmo em uma fronteira conflituosa, ambos se beneficiam tanto pela extração do gás, quanto da pesca. Assim, demais disputas, como para obtenção de minérios, são recorrentes fazendo com que quase 5,5 milhões de pessoas se desloquem no leste da República Democrática do Congo, de acordo com as Nações Unidas.

Destarte, mesmo com o cessar-fogo estabelecido entre os presidentes da RDC e Ruanda, os rebeldes não o reconhecem, permanecendo em suas posições a leste do território congolês. Assim, as tensões históricas e regionais seguem intensificadas após o não cumprimento do acordo. Por fim, líderes da África Oriental já manifestaram, em junho de 2022, a intenção de criação de uma força regional para restabelecer a paz em Kivu do Norte.



Tensões represadas: a hidropolítica do Nilo e a fronteira Sudão-Etiópia

Franco Alencastro

Uma escaramuça na fronteira entre o Sudão e a Etiópia elevou o nível de tensão entre os dois países a um patamar que não era atingido desde 2021. O conflito na região disputada de Al-Fashaqa provocou oito mortes do lado sudanês, em 26 de junho de 2022, levando o país a responder com ataques de artilharia sobre o território controlado por Adis Abeba. É a maior crise entre os dois países desde que o conflito do Tigray desestabilizou a já disputada região, em dezembro de 2020, servindo como pretexto para uma operação militar, que resultou na ocupação de Al-Fashaqa pelo Sudão e expulsão dos habitantes etíopes da região. Cartum acusa a Etiópia de iniciar a agressão, enquanto o governo etíope afirma que o ataque foi conduzido por milícias. Mas qual a relação entre a disputa territorial por Al-Fashaqa e a outra principal contenda entre os dois países, relativa ao controle sobre o Nilo?

Em maio de 2022, a Etiópia anunciou que iniciaria a terceira fase do preenchimento da Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), prevista para agosto de 2022. As duas primeiras fases do preenchimento, em

2020 e 2021, levaram a críticas veementes por parte dos ribeirinhos a jusante, Sudão e Egito ([Boletim 117](#)). Isso, devido ao impacto que a represa, projetada para ser a mais alta do continente africano, poderia ter sobre o nível das águas do Rio Nilo e, por extensão, sobre a agricultura dos dois países.

Dados seus potenciais impactos sobre uma região que já enfrenta dificuldades – a Etiópia ainda está envolvida com o conflito do Tigray, e o Sudão, com uma crise política que se arrasta desde o começo de 2022 –, organizações internacionais acompanham o conflito com atenção. A Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento, formada por oito países da África Oriental, propôs uma mediação no início de julho de 2022. O sucesso das negociações, entretanto, pode ser prejudicado pelo preenchimento da GRRE. Desse modo, a Etiópia ganha um importante ativo na disputa com o Sudão, permitindo-lhe condicionar a velocidade do preenchimento da represa a uma solução das questões fronteiriças.



Portugal rumo à Marinha do Futuro?

Luiza Guitarrari

As capacidades navais portuguesas são, historicamente, inovadoras. Voltado para o mar desde o século XV, com uma área marítima 18 vezes superior à área terrestre, Portugal mantém seu equilíbrio geopolítico a partir da interconexão entre Atlântico Norte e Europa. Nesse sentido, é acrescida à Marinha Portuguesa a responsabilidade de salvaguardar não somente a soberania e os interesses de Lisboa, mas de uma porção significativa do espaço euro-atlântico, comum aos Estados-membros da OTAN. Desse modo, o que esperar da Marinha Portuguesa em relação à modernização tecnológica para atingir esses fins?

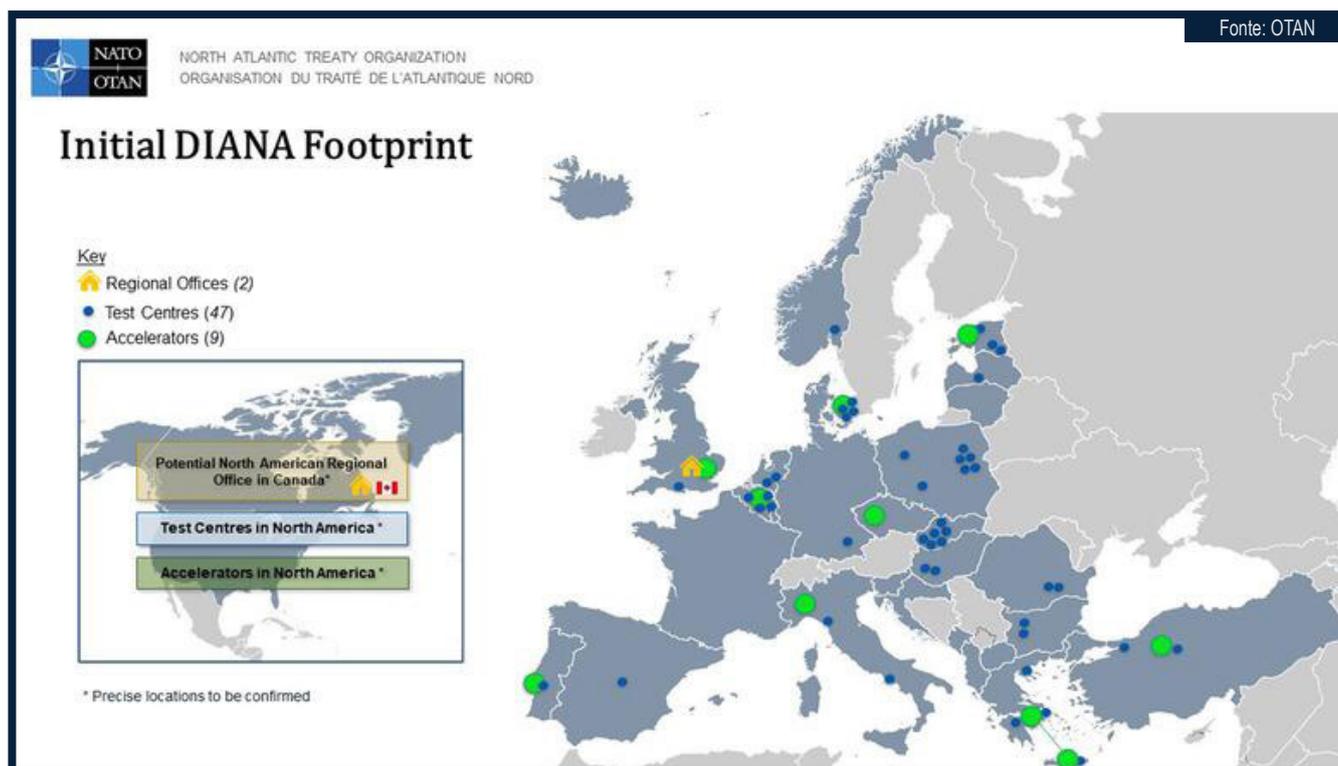
Segundo estimativas da OTAN para 2022, Portugal deve destinar 1,44% do seu PIB à Defesa. Dentre os gastos, espera-se que seu Ministério da Defesa opte pela estratégia da "robotização" dentro da Marinha, que preze, segundo o Almirante Gouveia e Melo, Chefe do Estado Maior da Armada portuguesa (CEMA), pela operacionalização de "novas tecnologias, inteligência artificial (...) e uso de drones". Assim, no final do mês de maio foi divulgado pela Marinha Portuguesa o projeto de construção de um navio multipropósito a ser entregue até 2025. A embarcação irá agregar um conjunto de sistemas autônomos, bem como drones e sistemas digitais, como *Big Data*.

Em 19 de julho, foi apresentada em Troia a primeira Zona Livre Tecnológica (ZLT), denominada Infante D.

Henrique. Abrangendo uma área de 2.600 km², a ZLT é iniciativa da Marinha Portuguesa a ser monitorizada pelo Centro de Experimentação Operacional da Marinha (CEOM). Em consonância com o Plano de Ação para a Transição digital, a ZLT pretende testar em ambientes reais (ou quase-reais) o uso de novas tecnologias como sensores e inteligência artificial no meio marítimo. Devido às características geográficas de Troia, também será possível a instalação de uma plataforma multipropósito, o estudo do mar profundo, além de preparar sistemas de defesa não tripulados.

A nova instalação segue as diretrizes da OTAN acordadas na Cimeira de Bruxelas (2018) quanto à inovação tecnológica no mar. Assim, sob a égide do *Defence Innovation Accelerator for the North Atlantic* (DIANA), que ambiciona o desenvolvimento por soluções tecnológicas emergentes e inovadoras, Portugal deverá receber dois centros de inovação em Defesa da OTAN até 2023. A instalação do *Test Center* se dará em Troia junto ao CEOM, aumentando, portanto, a interoperabilidade interagências a nível internacional.

Por fim, as futuras instalações e suas capacidades agregadas auxiliarão na construção de uma Marinha portuguesa tecnologicamente avançada e preparada para enfrentar os desafios que se desenrolam no espaço euro-atlântico.



Disputa energética entre Turquia e Chipre pode alterar o rumo do conflito na Ucrânia

Dominique Marques

Em meio à crise de abastecimento energético na Europa devido ao conflito na Ucrânia, um impasse diplomático tende a se formar em breve. O Ministro de Energia da Turquia, Fatih Domnez, anunciou que irá enviar o mais novo navio-sonda turco, Abdulhamid Han, para iniciar explorações no Mediterrâneo em 09 de agosto desse ano. Em contrapartida, Grécia e Chipre devem se reunir com a União Europeia para criar um plano de resposta caso a Turquia insista em explorar gás no Chipre, o qual não é reconhecido por Ancara enquanto Estado soberano. Como esse impasse tem o potencial de influenciar direcionamentos do conflito na Ucrânia?

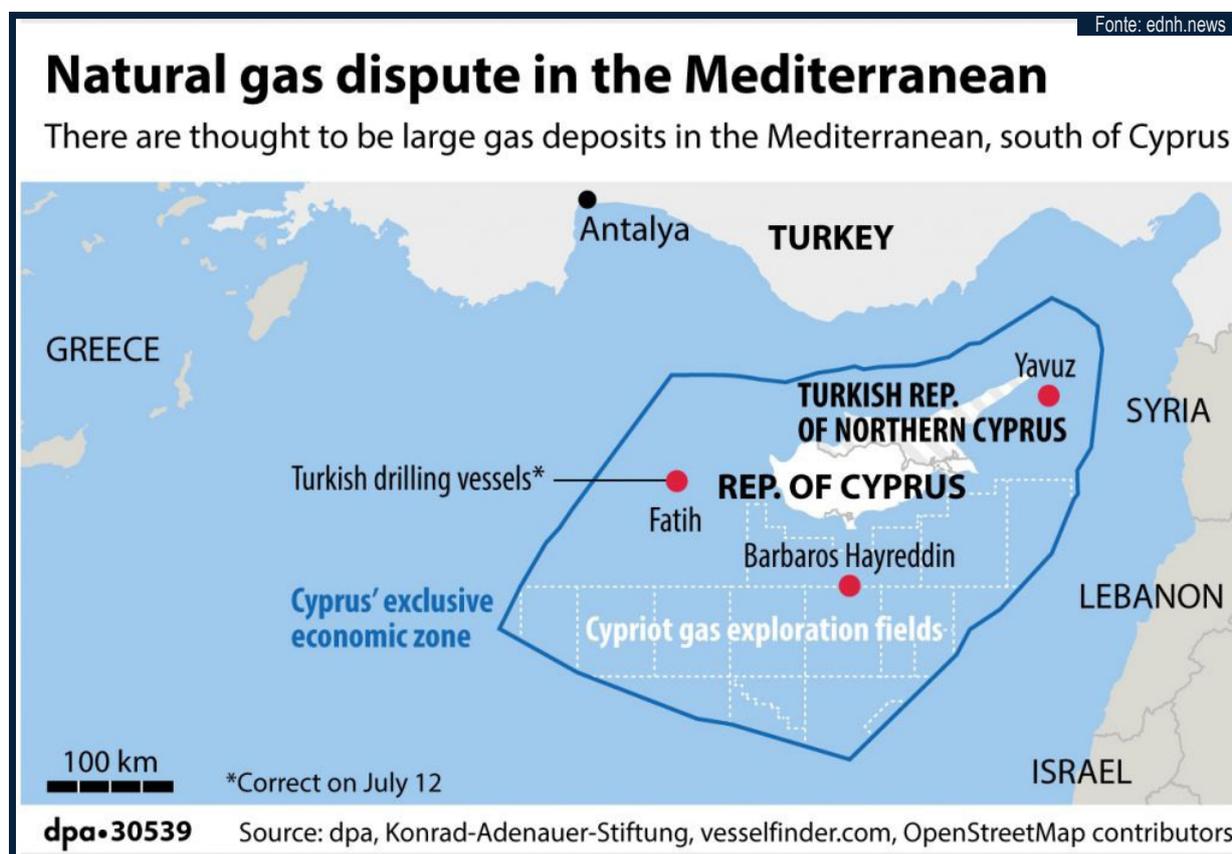
Na década de 1970, a Turquia ocupou o norte da ilha do Chipre, declarando, unilateralmente, a República Turca do Chipre do Norte, somente reconhecida pela própria Turquia, em defesa da minoria turco-cipriota que habita a ilha. É sob tal justificativa que essa população afirma que suas águas se sobrepõem a muitos dos 13 blocos de exploração da costa sul do país, que compõem a zona econômica exclusiva cipriota e onde estão os campos de gás descobertos recentemente.

Diante desta situação cria-se um verdadeiro impasse, dado que Grécia, Chipre e Turquia integram a OTAN. A Turquia vem atuando atuando como peça-chave no

conflito entre Rússia e Ucrânia por deter o controle sobre a passagem de navios pelos Estreitos de Bósforo e Dardanelos. Ancara também é importante por sua rota energética para o abastecimento de gás europeu, dando-lhe grande capacidade de barganha, algo que o governo turco vem explorando desde 2002 como moeda de troca, para que a Turquia possa retomar seu papel de centralidade na região, especialmente após os grandes investimentos militares da OTAN neste país.

Caso Ancara avance nas explorações, aos Estados Unidos e aos países membros da OTAN restará mediar um acordo entre as partes ou de reagir à Turquia, isolando-a cada vez mais da Aliança, satisfazendo às pressões empresariais e estatais pelos retornos econômicos da exploração. Tal posicionamento pode fazer com que o país se aproxime ainda mais da Rússia, como vem ocorrendo há alguns anos, contribuindo para uma mudança no equilíbrio do conflito ucraniano e agravando ainda mais a frágil segurança energética europeia.

Observa-se, assim, que o equilíbrio atual em relação ao conflito na Ucrânia não é garantido, por estar sujeito a diversas variáveis que podem impactá-lo a qualquer momento: tais como os desdobramentos da política externa turca diante do impasse no Mediterrâneo.



O papel dos oleodutos na recente tensão russo-cazaque

Pedro Martins e Vitor Lengruber

No último dia 04 de julho, o presidente do Cazaquistão, Kassim-Jomart Tokayev, afirmou que seu país estava disposto a contribuir para a estabilização do mercado energético europeu. Dois dias após o comunicado, o governo russo anunciou a suspensão, por 30 dias, das atividades do *Caspian Pipeline Consortium* (CPC). Assim, de que modo a dependência da infraestrutura cazaque em relação à Rússia constrange suas tentativas de diversificação de parcerias energéticas?

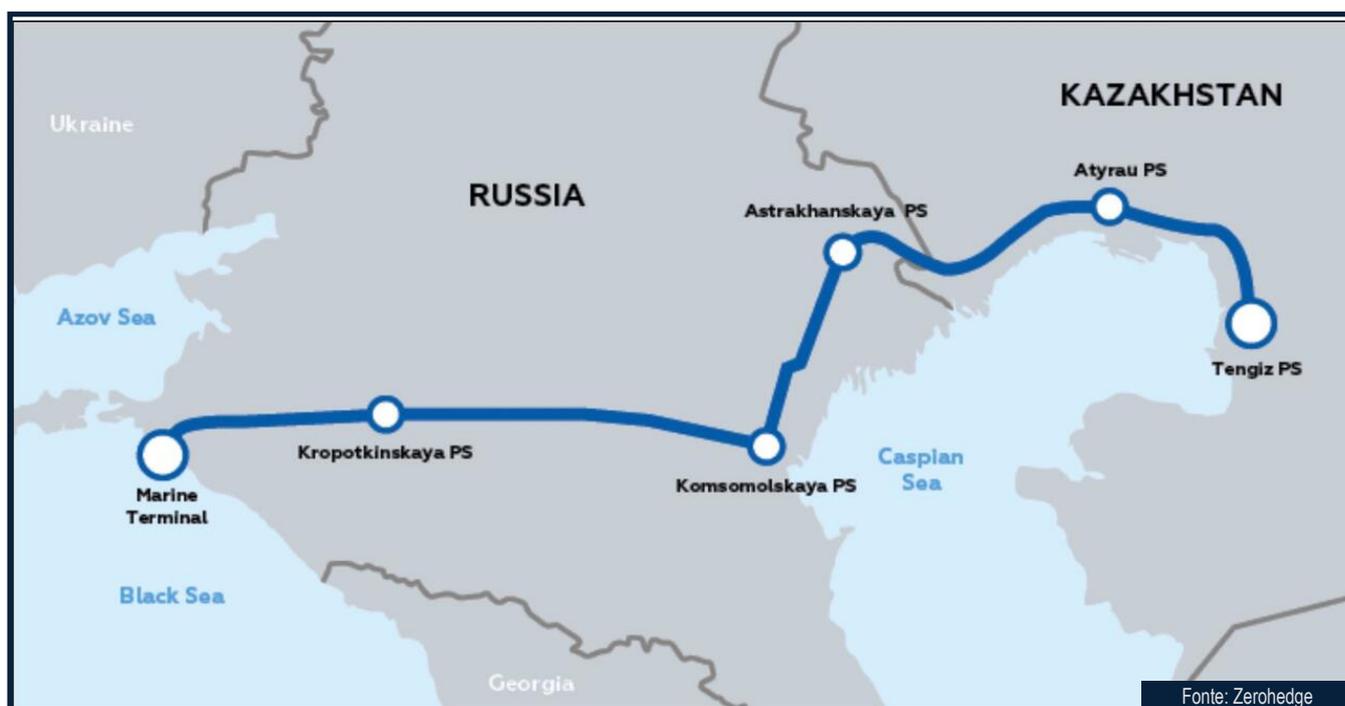
O Cazaquistão é um país *landlocked* — sem acesso ao mar — e grande produtor de petróleo (cerca de 1,8 milhões de barris de óleo ao dia, segundo o relatório de 2022 da *BP*). De acordo com o portal *Trademap*, os maiores consumidores dos hidrocarbonetos cazaques em 2021 foram Alemanha, China, Coreia do Sul, França e Grécia. A exportação desses produtos é altamente concentrada no oleoduto CPC — o qual se origina na cidade portuária de Tengiz (Cazaquistão) até a cidade de Novorossisyk (Rússia) no Mar Negro. Ele é responsável por dois terços das exportações de petróleo do país e 40% das exportações totais ([Boletim 159](#)).

Essa composição torna a posição de neutralidade assumida por Nursultan desde o início das hostilidades entre Rússia e Ucrânia difícil de ser mantida. Por um lado,

o país obteria recursos econômicos significativos ao se apresentar como um fornecedor alternativo de petróleo para a União Europeia. Por outro lado, a dependência da infraestrutura russa para as suas exportações dificulta o transporte de hidrocarbonetos por parte do Cazaquistão para o bloco europeu enquanto durar o conflito.

Para contornar isso, o Cazaquistão tem buscado investir em rotas alternativas, a exemplo da *Trans-Caspian International Transport Route*, que conecta o país ao Azerbaijão, Geórgia, Turcomenistão e Turquia em direção à União Europeia. No mês passado, por exemplo, conversas sobre a utilização do corredor supracitado ocorreram em Bruxelas. Ao mesmo tempo, o país busca novos clientes, como a China, cujo crescimento das exportações destinadas ao país — de acordo com o portal *Trademap* — saíram de pouco mais de US\$ 1 bilhão em 2016 para US\$ 2,6 bilhões em 2020.

Apesar desses esforços, mesmo que consiga estabelecer parcerias alternativas, a posição geográfica do Cazaquistão enquanto um *landlocked country* na Ásia Central e, portanto, dependente de infraestruturas de transporte presentes em território russo, ainda limita suas possibilidades de ação em relação à Rússia.



Fonte: Zerohedge

O Dia da Marinha e o desenvolvimento das capacidades submarinas da Rússia

Rafael Esteves e Pêrsio Glória de Paula

O Dia da Marinha ([Boletim 122](#)) é celebrado anualmente com paradas navais nas principais cidades portuárias da Rússia. Dada a participação de belonaves de última geração, como submarinos nucleares, o evento pode exemplificar um pouco do pensamento estratégico russo, seus objetivos internacionais e o papel dos meios submarinos na construção do poder naval russo. Assim, quais tendências podem ser visualizadas no emprego e desenvolvimento das capacidades submarinas da Rússia?

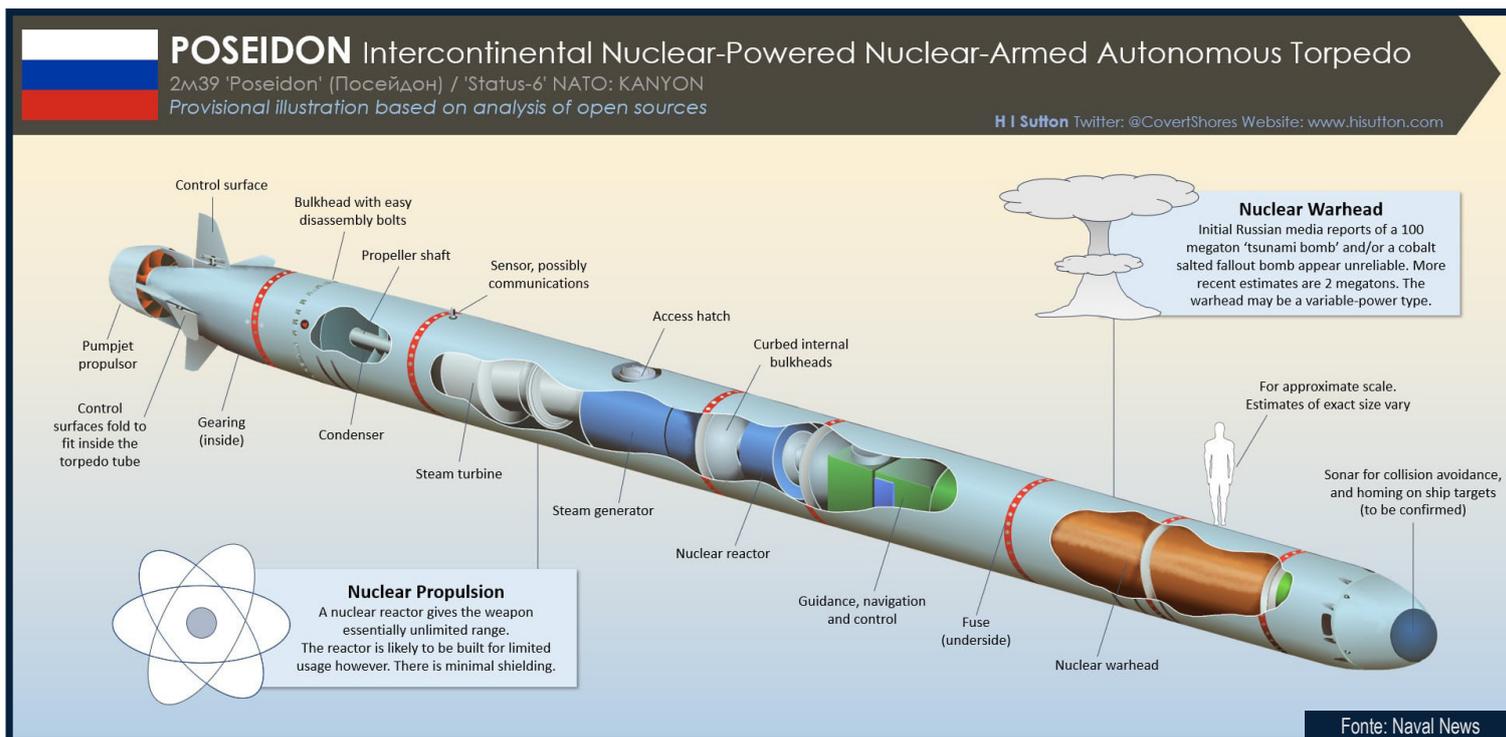
Ocorrida no dia 31 de julho de 2022, a parada naval em São Petersburgo contou com a participação de 47 belonaves e mais de 50 aeronaves. Destaca-se a participação de submarinos nucleares lançadores de mísseis de cruzeiro (SSGN, em inglês), como o *K-560 Severodvinsk* (Classe *Yasen*), capaz também de lançar os mísseis hipersônicos *3M22-Tsirkon* ([Boletim 151](#)). Além das funções tradicionais de negação do uso do mar e capacidade de interdição, a projeção de poder e a dissuasão nuclear são elementos crescentemente relevantes da força submarina russa.

Essas funções estão relacionadas com os atuais desafios internacionais enfrentados por Moscou. Fato evidenciado pelo atual emprego das forças submarinas nos conflitos na Ucrânia e na Síria. O lançamento de mísseis de cruzeiro *3M54-Kalibr* a partir de submarinos no Mar Negro e no Mar Mediterrâneo contra alvos terrestres nessas regiões pode ser considerado um

elemento de projeção de poder e atende aos interesses internacionais russos. Além disso, a negação do uso do mar e a dissuasão estratégica permanecem relevantes para a manutenção da posição geopolítica russa em uma conjuntura de crescente disputa com o bloco Ocidental. Nesse âmbito, destacam-se também projetos de última geração que detêm capacidade de influenciar a estabilidade estratégica vis-à-vis os Estados Unidos, como o submarino nuclear de propósitos especiais *K-329 Belgorod* e o drone nuclear *Poseidon*.

O *K-329 Belgorod* ([Boletim 144](#)) é atualmente o único submarino comissionado da Marinha russa capaz de empregar o *Poseidon* ([Boletim 117](#)), um drone com carga e propulsão nucleares e de alcance virtualmente ilimitado. Ademais, ainda não existem medidas de defesas eficazes contra o *Poseidon*. Este faz parte das “armas invencíveis” sem análogas no mundo apresentadas pela Rússia em março de 2018, junto com os mísseis hipersônicos *Tsirkon* ([Boletim 163](#)) e *Avangard* ([Boletim 108](#)).

Assim, as forças submarinas e o desenvolvimento de armamentos inovadores, como o *Poseidon*, são elementos essenciais do *hard power* russo, servindo como ferramentas de dissuasão estratégica e projeção de poder. Além disso, seu emprego está adaptado para a atual conjuntura e em consonância com os objetivos internacionais do país.



DOI 10.21544/2446-7014.n167.p12.

Nova estratégia sul-coreana para o Indo-Pacífico

Maria Eduarda Parracho

Após dois meses de governo, o presidente Yoon Suk-
Yeol já estabeleceu mudanças significativas para a política externa sul-coreana. Durante anos de cautela do ex-Presidente Moon Jae-Min sobre questões regionais, uma clareza estratégica se torna realidade. A expansão da aliança histórica entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos (EUA) através da participação dos dois países na inauguração do Quadro Econômico do Indo-Pacífico, a intensificação da cooperação do país com parceiros do Sudeste Asiático e os novos manuais militares, reconfigurando a Coreia do Norte como um inimigo de fato, são exemplos recentes dessa mudança. O que se pode entender a partir dessas novas dinâmicas?

Essas novas políticas estratégicas, com exceção da questão da Coreia do Norte, são tentativas de diminuir a influência chinesa na economia sul-coreana. A China é a maior parceira comercial do país, representando 25,3% de todas as exportações sul-coreanas. Moon Jae-Min sempre tentou moderar suas alianças com os EUA para não ser mal interpretado pelos chineses, entretanto, com as novas configurações políticas, a Coreia do Sul parece ter mudado seu dilema de “segurança com os EUA, economia com a China” para “segurança com os EUA, economia com o mundo” representado pelos esforços em intensificar o comércio de tecnologia com

países do Sudeste Asiático, somado à participação no maior exercício naval do mundo, o RIMPAC, no qual demonstra todos seus mais modernos meios de dissuasão naval.

Além disso, as relações com a Coreia do Norte se tornarão ainda mais hostis. A mudança do país como um inimigo da nação ao Sul em novo manual militar, mostra que o novo governo não busca um entendimento diplomático para um possível acordo de paz da mesma forma que Moon tentou durante seu mandato. A linha dura de Yoon, ao modernizar suas Forças Armadas e aliar-se ainda mais com os EUA, vistos como uma ameaça, podem ser uma justificativa para o maior desenvolvimento do programa nuclear norte-coreano.

Portanto, as estratégias regionais estabelecidas pelo novo presidente, até então, possuem perspectivas não muito pragmáticas no que tange suas relações com a China. O interesse ideológico de Yoon de se alinhar com os EUA, pode ter consequências graves, caso não consiga contornar a balança comercial com seus velhos parceiros, como os do Sudeste Asiático. Ademais, as desavenças com os chineses tornariam mais complexa a retomada das negociações de desnuclearização da Península Coreana, questão que ainda se agrava com as políticas agressivas defendidas pelo novo presidente.

DOI 10.21544/2446-7014.n167.p13.

SUL DA ÁSIA

Índia, Butão e China: um novo campo de instabilidade hídrica no sul da Ásia

Rebeca Leite

A cooperação hidrelétrica é um dos pilares da relação bilateral indo-butanesa. Tem sido assim desde o primeiro acordo hidrelétrico, de 1961, considerado o ponto de partida para diversos outros acordos no setor. O apoio indiano se dá, sobretudo, por doações e empréstimos, porém, algumas perspectivas desfavoráveis à Índia estão ganhando força na elite butanesa.

Em termos econômicos, tal desconfiança se dá devido aos atrasos na conclusão dos projetos hidrelétricos em construção, bem como devido à mudança no modelo de financiamento oferecido pela Índia. Antes, o modelo era 60:40 (60% de doação e 40% de empréstimos), atualmente, o sistema ofertado é 30:70.

Já do ponto de vista político, a cooperação hidrelétrica indo-butanesa é também ameaçada devido aos investimentos chineses no Butão, com bastante apoio da elite empresarial pró-China, vislumbrando

um progresso socioeconômico mais acelerado, com melhores proporções financeiras e com foco na geração de empregos para a população local.

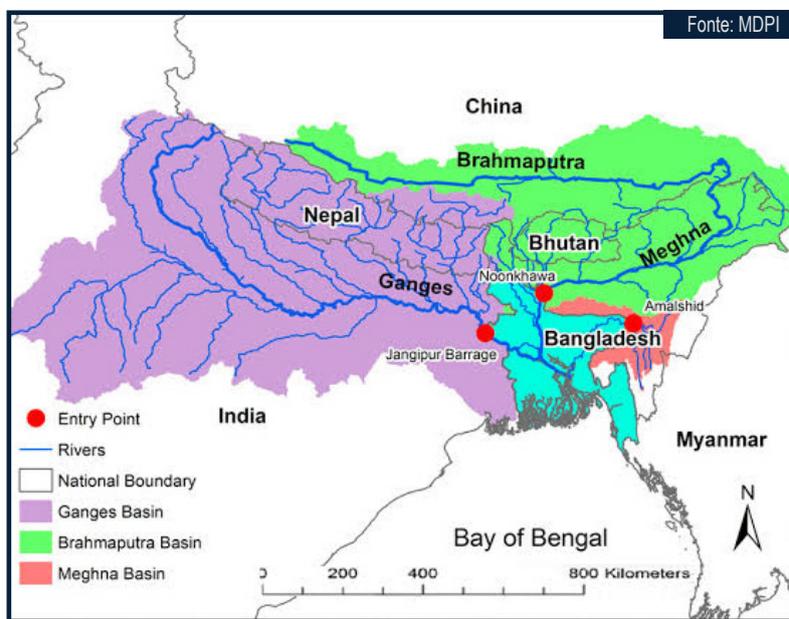
Em termos geopolíticos, os planos chineses de megaestruturas hidrelétricas na região do Himalaia sinalizam ameaças substanciais à Índia, localizada geograficamente a jusante dos rios em relação à China. A posição chinesa é traduzida em uma gama de opções políticas para lidar com seus vizinhos ribeirinhos. A partir do momento em que a Índia falha com o Butão, Pequim utiliza de sua hegemonia hídrica para ocupar o lugar dos indianos como principal parceiro no que se refere às hidrelétricas na região.

A mais recente barragem que está sendo construída pelos chineses, no Rio Brahmaputra, possuirá três represas que visam aproveitar a força da queda d'água, de aproximadamente 3,000 metros de altura. A Índia, »

como país a jusante, concentra seus esforços políticos para impedir que futuramente ocorra o desvio de água dos rios que fluem para seu território.

Dessa forma, tendo em vista o atrativo aparato econômico chinês, Nova Délhi possui poucas escolhas, a não ser um planejamento estratégico para tentar superar esta assimetria. Não menos importante, a Índia deve buscar solidificar ainda mais as suas relações com

os países vizinhos, como o Butão, de forma que tenha uma frente multilateral de apoio político contra a China. O país também deve tomar nota do fato de que muito atraso pode resultar em uma oportunidade perdida para uma relação próspera no setor hidrelétrico. A natureza competitiva entre os vizinhos, diante da importância da energia hidrelétrica, configura um cenário crítico no que concerne à geopolítica da água na região.



DOI 10.21544/2446-7014.n167.p13-14.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

“Diplomacia das Canhoneiras”: RIMPAC 2022, o Sudeste Asiático e a busca por poder no Indo-Pacífico

Gabriela Veloso e Thayná Fernandes

Nas relações internacionais, de maneira “realista”, mais complexo do que obter poder, é mantê-lo. Para que uma nação seja considerada “forte” e tenha habilidade tanto de dissuasão quanto de resposta direta diante das diversas “ameaças”, é necessário investir em suas capacidades militares. Analisando a evolução das estratégias marítimas adotadas na região da “Ásia-Pacífico”, Suseto et al. (2019, p. 89) observam que a Marinha, apesar de ser muito importante, é apenas um dos fatores necessários à construção de uma Estratégia Marítima. Na visão dos autores, outros aspectos devem ser pensados, como a diplomacia, o comércio marítimo, pesca, salvaguardas, segurança de ilhas e outros.

Nesse sentido, realizado bianualmente desde 1971, em 2022 ocorreu a 28ª edição do maior exercício militar internacional do mundo, o *The Rim of The Pacific Exercise* (RIMPAC), conduzido pelos Estados Unidos no Havaí e no sul da Califórnia. Estiveram presentes 26 nações, mais de 25 mil militares, 38 navios de superfície, quatro submarinos, mais de 170 aeronaves e mais de 30 sistemas não tripulados. Com o tema “Capazes, Adaptativos, Parceiros”, os países participantes tiveram

por objetivo demonstrar a flexibilidade de suas Marinhas e aproximarem-se diplomaticamente. Mesmo em meio à escalada de tensões entre Washington e Pequim – importantes atores no Pacífico –, algumas nações do Sudeste Asiático marcaram presença no exercício. Nesse sentido, o que essa participação pode demonstrar?

Brunei, Filipinas, Indonésia, Malásia, Singapura e Tailândia são os proeminentes países do Sudeste Asiático que enviaram navios e militares para o Exercício. Com a pujança econômica chinesa, seu rápido desenvolvimento militar e as constantes disputas pelo domínio no Mar do Sul da China, desde 2006 os países do Sudeste Asiático vêm investindo cada vez mais nas capacidades de suas Marinhas, tanto em treinamento, quanto em meios navais. A Indonésia, por exemplo, possui a maior Marinha da região, com mais de 200 navios e quatro submarinos, e tem buscado constantemente modernizá-la, assim como as demais nações locais.

Enquanto para os Estados Unidos, liderar o maior exercício naval multilateral do mundo é uma clara demonstração à China de que ainda mantém poder significativo; às nações do Sudeste Asiático, exercícios

como estes são fundamentais para sua projeção, sobretudo considerando-se suas localizações geográficas e grande extensão litorânea. Ainda, possibilita demonstrar que não pretendem ficar inertes diante das pressões chinesas

por maior controle do Indo-Pacífico. Para isso, faz-se necessário que, além de presença diplomática, estes países invistam também em capacidades navais cada vez mais robustas.



DOI 10.21544/2446-7014.n167.p14-15.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Novo projeto de conectividade submarina entre Islândia e Japão por meio do Ártico

Raphaella Costa

A segurança de dados é também um tema importante em se tratando da geopolítica ártica. Aliado ao prolongamento dos períodos de degelo das águas do Extremo Norte, um novo projeto promete conectar a Islândia ao Japão por meio de cabos submarinos, facilitando a telecomunicação na região e se beneficiando da média de temperaturas mais elevadas. Projetado como mais um ponto de inflexão entre atores árticos ocidentais e a Rússia, o presente artigo propõe-se a analisar as possíveis tensões geopolíticas regionais a partir desta nova iniciativa.

O investimento em conectividade entre Islândia e Japão é encabeçado por duas empresas – *Farice* (Islândia) e *Far North Digital* (Estados Unidos) – que estão empenhadas em dar prosseguimento à proposta planejada para entrar em funcionamento até o final de 2026. Esta será uma iniciativa de expansão do projeto

de cabo submarino, já em andamento, que conectará a Ásia à Europa por meio da Passagem Noroeste, reduzindo as distâncias da comunicação entre os continentes e permitindo uma conectividade mais rápida e eficaz. O projeto tem duas etapas e a Irlanda foi escolhida como um *hub* de conectividade por sua posição geográfica e por Dublin concentrar as principais redes da Europa. Assim, por meio de um memorando, as empresas fecharam o acordo no qual um cabo da Farice conectará a Islândia à Irlanda, expandindo o projeto inicial de conexão entre Alasca, Canadá, Groenlândia, Irlanda e Japão e ampliando as possibilidades de trocas comerciais entre os países e o Leste Asiático.

Este é um projeto em andamento desde 2019 e envolve uma série de companhias de telecomunicação e atores regionais, provocando movimentações do lado russo. A empresa estatal russa *Morsvyazspunik* anunciou

em agosto de 2021 a construção de um cabo de 12,650 km ao longo de suas costas Norte e Leste, fortalecendo a conectividade do país no Ártico. Para além do aumento de tensões devido à guerra da Ucrânia, a competitividade se justifica porque a soberania dos cabos e o impulsionamento de novos projetos representam uma vantagem tecnológica, estratégica e econômica no Ártico, uma das principais regiões de investimento e

poderio russo.

Assim, a expansão do projeto de conectividade por cabos submarinos em direção à Islândia além de envolver mais um ator ártico, impulsiona o desenvolvimento de novas estratégias do lado russo, que ambiciona criar uma infraestrutura suficientemente forte e competitiva em seu entorno estratégico, fortalecendo as diferentes vertentes de disputas geopolíticas na região.



DOI 10.21544/2446-7014.n167.p16.

TEMAS ESPECIAIS

A inovação nos sistemas de propulsão elétrica em embarcações

Alessandra Brito e Guilherme Carneiro

No início de julho, a *Maersk* – uma das maiores transportadoras marítimas do mundo – retirou seu representante do conselho da Câmara Internacional de Navegação (ICS, em inglês), citando diferenças sobre as políticas climáticas da empresa e da Câmara. O conglomerado vem investindo em maneiras alternativas de reduzir sua “pegada de carbono” ao mesmo tempo em que reduzem gastos, sendo a propulsão das embarcações uma das mais importantes etapas desse processo. Portanto, como a adoção de sistemas de propulsão elétrica de navios pode vir a ser uma solução para ambos os problemas?

A norma da Organização Marítima Internacional, intitulada “*IMO 2020*”, determina que a emissão de dióxido de enxofre, pelos navios, seja reduzida de 3,5% para 0,5%. Essa mudança está alinhada aos objetivos da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (Boletim 152). No caso da *Maersk*, os planos são mais ambiciosos, o conglomerado já se comprometeu com uma meta de zero emissões até 2040, uma década à

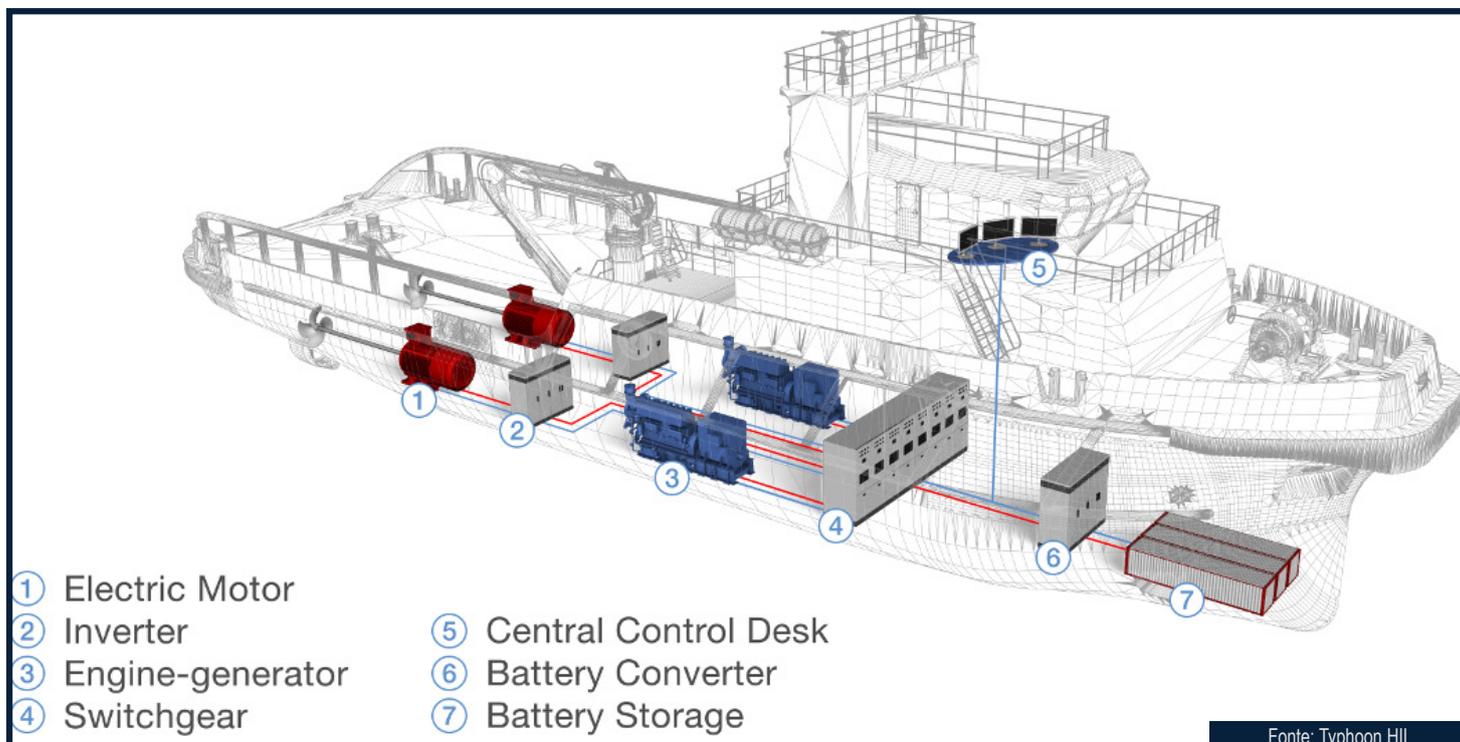
frente da meta do Acordo de Paris para setores não-marítimos. Sua prescrição política para o resto da indústria é igualmente ambiciosa: encontrar soluções práticas para a descarbonização.

Um dos projetos que tem chamado atenção é a utilização da propulsão elétrica. Em 11 de junho, o *Maersk Minder*, primeiro manipulador de âncoras híbrido-elétricas do mundo, partiu para a prova de mar. Foi realizada a instalação de uma nova bateria: um sistema de energia híbrido baseado em contêiner. Espera-se que o novo sistema (*Wärtsila HY*) reduza o consumo de combustível e, portanto, as emissões de carbono em 15%, além de reduzir as necessidades de manutenção das embarcações e melhorar seu desempenho operacional. O sistema é composto por uma série de armazenamento de energia (ESS, sigla em inglês), composto por 132 baterias menores e um transformador, controlado e monitorado por meio de um sistema de gerenciamento de energia (EMS).

Um dos diferenciais para a redução de emissões do »

sistema de propulsão híbrido é a facilitação do pico de corte, o que significa que as baterias podem fornecer energia extra rapidamente para evitar picos de consumo de energia. Uma melhoria significativa da eficiência, já que os motores podem funcionar com carga ideal e usar as baterias para absorver grande parte das flutuações

de carga. Uma grande iniciativa, que apesar de ser promissora, pode representar sozinha, uma pequena mudança no cenário internacional. Logo, a saída da companhia da ICS, pode ser vista como prejudicial para o campo da descarbonização.



DOI 10.21544/2446-7014.n167.p16-17.

- ▶ [Ukraine's War Viewed from China](#)
PROJECT SYNDICATE, Mark Leonard
- ▶ [Ucrania: ni guerra relámpago, ni paz duradera](#)
INSTITUTO ESPAÑOL DE ESTUDIOS ESTRATÉGICOS, Francisco Cerviño
- ▶ [How Russia Must Reinvent Itself to Defeat the West's "Hybrid War"](#)
MODERN DIPLOMACY, Dmitri Trenin
- ▶ [Israel's new Iran strategy complicates regional security](#)
MEI@75, Gawdat Bahgat e Abdolrasool Divsallar
- ▶ ["More than 350 manned ships": CNO lays out de facto Navy shipbuilding request in new NAVPLAN](#)
BREAKING DEFENSE, Justin Katz

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Guilherme Carneiro e Maria Eduarda Parracho

AGOSTO

Principais eventos entre 04 a 23 de agosto

04



OCEANO ÍNDICO

INÍCIO DA 41ª ROTAÇÃO DO COMANDO NAVAL DA OPERAÇÃO ATALANTA

07



COLÔMBIA

POSSE PRESIDENCIAL

08



ASEAN

55º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO

09



QUÊNIA

ELEIÇÕES GERAIS

12



ESTADOS UNIDOS

TÉRMINO DO EXERCÍCIO PANAMAX 2022

14



INDONÉSIA

TÉRMINO DO EXERCÍCIO GARUDA SHIELD 22

15-21



ARGENTINA E CHILE

EXERCÍCIO NAVAL ENTRE AS ARMADAS NO ESTREITO DE BEAGLE

16-19



BRASIL

EXERCÍCIO GUARDIÃO CIBERNÉTICO 4.0

REFERÊNCIAS

- **Crimes transnacionais na América do Sul: consequências regionais**
[Chile y el desafío de las bandas criminales extranjeras](#). DW, América Latina, 17 jul. 2022. Acesso em: 28 jul. 2022
[How Tren de Aragua Controls the Destiny of Migrants from Venezuela to Chile](#). InSight Crime, 25 jul. 2022. Acesso em: 28 jul. 2022.
 - **A instabilidade política no Haiti e a perpetuação da crise humanitária**
[HAITI: Impact of the deteriorating security situation on humanitarian access](#). Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, 08 jul. 2022. Acesso em: 26 jul. 2022.
[HUNGER to worsen in Haiti as gang violence escalates, UN warns](#). Al Jazeera, 12 jul. 2022. Acesso em: 15 jul. 2022.
 - **República Democrática do Congo e Ruanda: disputa fronteiriça nos Grandes Lagos Africanos**
EHL, D. [Ruanda e RDC: Restabelecimento da paz falhou antes mesmo de ter começado?](#) DW Internacional, 11 jul. 2022. Acesso em: 11 jul. 2022.
KUNDY, J. e PESEIRO MONTEIRO, J. [Conflito entre República Democrática do Congo e Ruanda é antigo](#). Euronews, 26 jun. 2022. Acesso em: 15 jul. 2022.
 - **Tensões represadas: a hidropolítica do Nilo e a fronteira Sudão-Etiópia**
OWINO, V. [Igad brings Sudan, Ethiopia to the mediation table](#). The East African, 9 jul. 2022. Acesso em: 16 jul. 2022.
ABDALLATIF, M. [Why Sudan is wary of third filling of Ethiopia Nile dam](#). The East African, 16 jun. 2022. Acesso em: 16 jul. 2022.
 - **Portugal rumo à Marinha do Futuro?**
MARINHA PORTUGUESA. [Inovação: ZLT Infante D. Henrique vai testar Sistemas de Defesa e Segurança Marítima Inovadores](#). 18 jul. 2022. Acesso 19 jul. 2022
BORGES, L. [Gouveia e Melo: “Não tenho ambição nenhuma além de ser militar”](#). Público, 14 jul. 2022. Acesso em: 14 jul. 2022.
 - **Disputa energética entre Turquia e Chipre pode alterar o rumo do conflito na Ucrânia**
HADJICOSTIS, M. [Cyprus, Greece, look to EU if Turkey renews gas search](#). Ap News, 28 jul. 2022. Acesso em: 29 jul. 2022.
MELIN, L. E. [Um desafio diplomático significativo aguarda aos EUA no Mediterrâneo Oriental](#).
 - **O papel dos oleodutos na recente tensão russo-cazaque**
SORBELLO, P. [Kazakhstan 's Oil Meets a Caspian Chokepoint](#). The Diplomat. The Diplomat, 28 mar. 2022. Acesso em: 28 mar. 2022.
ZOLOTOVA, E. [The Caspian Region's Challenge to Russian Energy Dominance](#). Geopolitical Futures. 12 jul. 2022. Acesso em: 12 jul. 2022
 - **O Dia da Marinha e o desenvolvimento das capacidades submarinas da Rússia**
NILSEN, T. (2022). [The Two Nuclear SUBs Sailing to Saint Petersburg surfaced northwest of Haakonsværn naval base](#). The Barents Observer, 22 jul. 2022. Acesso em: 30 jul. 2022.
LENDON, B. [Russian Navy's massive submarine could set the stage for 'a new Cold War' in the oceans](#). CNN, 27 jul. 2022. . Acesso em: 30 jul. 2022.
 - **Nova estratégia sul-coreana para o Indo-Pacífico**
[South Korea's New Military Handbook Designates North Korea As 'Enemy': US Vows To Defend Seoul](#). EurAsian Times, Tokyo, 30 mai. 2022. Acesso em 10 jul. 2022. EurAsian Times.
[South Korea ventures into its Indo-Pacific strategy](#). East Asia Forum, 11 jul. 2022. Acesso 12 jul. 2022.
 - **Índia, Butão e China: um novo campo de instabilidade hídrica no sul da Ásia**
NAYAK, S. [India-Bhutan Hydropower Cooperation: Assessing The Present Scenario](#). ORF. 07 jul. 2022. Acesso em: 07 jul. 2022.
[Bhutanese newspaper reveals troubles in Bhutan-India joint hydropower projects](#). Xinhua. 12 mar. 2022. Acesso em: 12 mar. 2022.
 - **“Diplomacia das Canhoneiras”: RIMPAC 2022, o Sudeste Asiático e a busca por poder no Indo-Pacífico**
SUSETO, B.; OTHMAN, Z.; RAZALLI, F. M.. Assessing the Evolution of Maritime Strategy in the Asia Pacific. Jurnal Ilmu Sosial dan Ilmu Politik, v. 23, n. 2, p.87-101, 2019.
HEYDARIAN, R. [World's largest joint naval exercise a message to China](#). Asia Times. Acesso em: jul. 2022..
 - **Novo projeto de conectividade submarina entre Islândia e Japão por meio do Ártico**
LEDBETTER, E. [Submarine Cable Will Give Iceland Direct Telecommunications Access To Japan](#). Reykjavík Grapevine, 13 jul. Acesso em: 14 jul. 2022.
BOUSQUETTE, I. [A Warming Arctic Emerges as a Route for Subsea Cables](#). WSJ. 15 jul. 2022. Acesso em: 15 jul. 2022.
 - **A inovação nos sistemas de propulsão elétrica em embarcações**
MAERSK SUPPLY SERVICE. [Maersk Minder takes to sea on hybrid-electric propulsion](#). 13 julho 2022. Acesso em: 14 jul. 2022.
[MAERSK Withdraws From Board Membership at ICS. Citing Climate Goals](#). The Maritime Executive. 10 jul. 2022. Acesso em: 12 jul. 2022.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio

risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [Hell on Earth: Afghanistan Is Suffering Under the Taliban](#). **The National Interest**, 31 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- BELARUS - Tensão regional: [Poland claims migrants arriving from Belarus have Russian visas](#). **The National News**, 27 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade fronteiriça: [Gangues avançam e disputam espaço ao lado da sede do poder do governo haitiano](#). **Estadão**, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.
- IÊMEN - Crise humanitária: [Yemen: Diplomats push for extension of truce as deadline nears](#). **Middle East Eye**, 29 jul. 22. Acesso em: 01 ago. 2022.
- LÍBANO - Crise estrutural: [1st grain-loaded ship leaves Ukraine for Lebanon](#). **Anadolu Agency**, 01 ago. 22. Acesso em: 01 ago. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar junta extends emergency rule, citing need for stability](#). **The Japan Times**, 01 ago. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Ukraine War: Zelensky orders civilians to evacuate Donetsk region](#). **BBC News**, 31 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- SÍRIA - Insegurança regional: [At least 17 dead in rare clashes in Syria's Sweida](#). **Al Jazeera**, 28 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [Bankrupt Sri Lanka seeks urgent help to feed children](#). **TPS News**, 01 ago. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado e conflito fronteiriço: [Thousands take to Sudan streets to protest military rule](#). **Al Arabiya**, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

► MÉDIO RISCO:

- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [A new anti-France movement rises in Burkina Faso](#). **Africa News**, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes e acordo de paz: [US Envoy Urges Progress on Ethiopia Peace Talks, Aid](#). **VOA News**, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [Poland criticized for using water cannons on border](#). **Belta**, 28 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Reunião para líderes militares e de segurança da Líbia põe fim às tensões em Trípoli](#). *The Libya Observer*, 27 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• MALI - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mali: At least 16 killed in two attacks in country's northeast](#). *The New Arab*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [SADC and Rwandan troops disperse Mozambique insurgents — but displace more civilians](#). *Daily Maverick*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA (NOVO EM MÉDIO RISCO): [Taiwan: as possíveis reações da China à visita de Pelosi](#). *BBC*, 02 ago. 2022. Acesso em: 03 ago. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [El jefe de asuntos humanitarios de la ONU visita Venezuela para impulsar proyectos](#). *France 24*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [U.S.'s Blinken presses peace in calls with Armenian, Azerbaijani leaders](#). *Reuters*, 25 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• COLÔMBIA - Conflito fronteiriço: [Ni las muertes de cabecillas guerrilleros frenaron violencia en frontera Apure-Arauca](#). *El Carabobeño*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• COREIA DO NORTE- Teste de mísseis: [North Korea's Latest Threat Seen as Pretext for Nuclear Test](#). *VOA News World-Japan*, 31 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• EUROPA OCIDENTAL - Incêndios florestais devido a onda de calor (NOVO NO MAPA): [New wildfires rage in France and Portugal as temperatures spike](#). *France 24*, 01 ago. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022

• EL SALVADOR - Instabilidade social: [Arzobispo de San Salvador: Gente apoya estado de excepción](#). *Associated Press*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Jihadism in the Sahel: The unstoppable spread towards the Gulf of Guinea](#). *The Africa Report*, 26 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• IRAQUE - Protestos contra o governo (NOVO NO MAPA): [Tensions rise in Iraq as prime minister dispute escalates](#). *The National*, 01 ago. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• MAR DA CHINA ORIENTAL - Disputas regionais: [Chinese Ships Spotted Near Senkaku Islands, India Takes Carrier Delivery](#). *USNI News*, 29 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [China accuses US of 'navigation bullying' in South China Sea](#). *AP News*, 29 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Nicaragua: UN experts denounce arbitrary shutdown of civil society organisations](#). *Relief Web*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• PANAMÁ - Protestos contra o governo: [Governo panamenho confia no diálogo para evitar novos protestos](#). *GZH Mundo*, 27 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• PAQUISTÃO - Conflito entre forças insurgentes: [Pakistan records surge in extremism with 434 terrorist attacks in the past six months](#). *Wion News*, 01 ago. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022

• PERU - Instabilidade política: [Com um ano de governo, presidente do Peru luta por sobrevivência política](#). *Veja*, 27 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Protestos contra a MONUSCO (NOVO NO MAPA): [UN Peacekeepers Involved in Deadly Shooting at DRC Border Post](#). *VOA News*, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.

- SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Al-Shabab Militants Execute 7 by Firing Squad in Somalia](#). **VOA News**, 31 jul. 2022. Acesso em: 31 jul. 2022.
- TOGO - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Benin – Togo: Fight against armed groups must not justify human rights violations](#). **Amnesty International**, 27 jul. 2022. Acesso em: 01 ago. 2022.